

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE SETEMBRO DE 1902

N.º 88

## O Visconde de Ouro Preto



DR. AFFONSO CELSO ASSIS DE FIGUEIREDO

Figura proeminente do Brasil, especialmente durante o regimen imperial, o visconde de Ouro Preto foi o ultimo presidente do conselho de ministros nomeado pelo Imperador. Já muitas vezes tivera logar nos conselhos da corôa, prestara valiosos servicos ao paiz, e com o seu talento de estadista, o seu conhecimento dos homens e das coisas, e sciencia do fóro que levava sempre para a vida politica, é justo dizer-se, agora sobretudo que já vai longe o periodo aureo da existencia do visconde de Ouro Preto, que elle foi entre os grandes estadistas do Brasil um dos mais honestos, dos mais uteis e dos mais leaes.

Vimol-o todos em Lisboa, quando elle e toda a sua familia numerosa vieram habitar por alguns dias a nossa cidade, depois dos graves e ruidosos acontecimentos que precipitaram do throno o Imperador, exilaram para longe da patria toda a familia imperial, e arrancaram violentamente, revolucionariamente, das mãos do chefe do governo o poder já a esse tempo tão frouro e decadente como estava sendo o Imperio. E agora, que tantos annos decorreram sobre esse periodo revolto, é agradável confessar n'esta pagina, illustrada com a figura do visconde de Ouro Preto, o estadista de folgo e o juriconsulto emerito, que as sympathias que elle entre nós deixou com o seu tracto, e os affectos que conquistou, não esqueceram ainda, porque ainda hoje é agradável a quem traça estas linhas, reproduzi-l-as e affirmal-as.

O direito que ao Brazil assistia de substituir com o regimen politico os homens que deviam governal-o ninguém lh'o pode contestar. E, feita esta affirmativa, bem expresse fica o nosso proposito de não apreciarmos ou discutirmos o movimento revolucionario que mudou a face das coisas e deu ao Brazil outro chefe, outro governo, outra constituição. Mas, seja qual fór o ponto de vista em que se colloquem os que fazem hoje a critica d'esses acontecimentos, que tem um passado tão recente, e que ninguém poderá negar é que o dr. Affonso Celso foi um dos brasileiros que mais contribuíram para os largos creditos e para a relativa prosperidade da nossa brasileira.

# Revista Internacional

Dentre os factos ultimamente consummados na politica internacional não ha nenhum de consequencia mais transcendentes para o futuro da civilisação como o tratado de arbitragem, que acaba de celebrar-se entre o Chile e a Republica Argentina, e que põe termo a um longo conflicto diplomatico entre os dois paizes, conflicto que mais de uma vez esteve para degenerar em sanguinolenta contenda pelas armas.

Foi graças aos bons officios da Inglaterra como mediadora, que este feliz resultado se conseguiu, e embora o tratado em questão deixe uma porta aberta a eventuales complicações no artigo em que estatue, que «ficam fóra da alçada do accordo as questões que affectem os preceitos constitucionales dos dois estados», é certo todavia que a probabilidade de futuros conflictos ficou extraordinariamente reduzida, tanto mais que desde já e como complemento ao tratado assignado se negociou uma convenção, que estabelece a redução das forças navaes de ambos os paizes, dando-se assim execução pratica não só ao pensamento inicial do convenio, senão tambem á ideia que presidiu á convocação do congresso da Haya, e que infelizmente este congresso não pôde fazer aceitar pela maioria dos delegados. A America do sul deu, pois, uma lição á Europa, e é propria America do norte, que não quiz ratificar o tratado de arbitragem negociado em 1897 pelo fallecido lord Pauncefote e pelo sr. Olney, para um accordo semelhante entre a Inglaterra e os Estados Unidos.

A assignatura do tratado chileno-argentino deu lugar nos dois paizes a inequivocas manifestações de satisfação, e tratando-se dos dois estados mais importantes e mais florescentes da America do sul (com excepção do Brazil) pôde prevêr-se a enorme influencia, que semelhante combinação va ter em todo aquelle continente, onde as guerras e as revoluções tinham assumido um caracter endemic.

A primeira consequencia do novo tratado será provavelmente a conclusão de um tratado identico entre o Perú e o Chile, cujas relações por mais de uma vez tem estado para romper-se por motivo da posse dos terrenos productores do guano, de que os chilenos se apropriaram em detrimento do seu mais franco vizinho. E assim pouco a pouco, é de esperar, irá o principio da arbitragem ganhando terreno, até se impôr como um inevitavel dever internacional. O grande obstaculo á sua applicação reside na falta de vontade dos Estados americanos, grandes não ha duvida pela força dos exercitos, que podem pôr em pé de guerra, mas pequenas e muito pequenas pela mesquinha dos ciúmes e rivalidades, que as dividem. Do momento em que duas quaisquer das grandes potencias decidissem ligar-se entre si por um tratado de arbitragem, não tardaria que as demais se apressassem a reconhecer a excellencia do principio, inaugurando assim a nova era de paz e de justiça, por que todos os povos anseiam para poderem entregar-se sem preoccupações sombrias do futuro ao fecundo trabalho da civilisação. Em 1897 esteve quasi a dar-se o primeiro passo para attingir este ideal, graças ao espirito esclarecido de dois diplomatas iminentes. Infelizmente surgiram os obstaculos de onde menos se esperava. Foi a democracia americana, que se negou a fazer bom o tratado negociado com a Inglaterra pelo seu representante. E desde então mais nenhuma grande potencia renovou a iniciativa, que fracassou pela intransigencia yankee. Razão de mais para que nós saudemos o recém-firmado tratado chileno-argentino como uma nova tentativa (embora mais modesta, porque se trata de duas nações de segunda ordem) para substituir nas relações internacionais pela força do direito o brutal e anachronico direito da força.

Tambem no extremo Oriente acaba de dar-se um facto, cujas consequencias beneficia para a transformação da China e para o acrescimo da influencia europeia n'aquelle vasto paiz, ninguém desconhecerá. Queremos falar do recente tratado anglo-chinês, o qual propriamente de uma das suas clausulas, — a que consiste o *litin* em toda a extensão do imperio. Conforme é sabido, o *litin* abole o maior embaraço, que o commercio europeu encontrava para a sua expansão no Celeste Imperio. Era uma rede de barreiras interiores, que a todo o momento detinham as mercadorias estrangeiras, extorquindo-lhes sob a fórma de taxas, direitos e outras alcavalas sommas, que tornavam illusoria toda a esperanza de ganho, e que por tanto destruíam todo o estimulo e paralyssavam toda a iniciativa do commercio europeu. Para que se faça ideia de quanto era vexatoria a imposição do *litin*, bastará dizer, que sómente entre Shanghai e Su-chau, isto é, n'uma distancia de pouco mais ou menos 50 milhas, havia dez barreiras onde o *litin* cobrava! E estas barreiras não representavam apenas uma extorsão pecuniaria incompontavel, mas a correspondente perda de tempo, e todos os incommodos inherentes a semelhante fiscalisação. A Inglaterra conseguindo pelo recente tratado abolir em todo o imperio tão obnoxio systema de taxaço, alcançou um grande triumpho, de que se aproveitaria em primeiro lugar o commercio europeu, e mais tarde os commerciantes, mas que redundaria tambem em beneficio das demais nações, e mais do que isso em proveito da propria China, que assim abate a mais espessa muralha, que a separava da civilisação moderna.

As compensações que ha a dar aos chinezes pela receita, que assim perdem, consiste na elevação razoavel dos direitos de entrada,

que ao menos se pagam por uma vez, sem mais incommodos e delongas e dentro de limites fixados de antemão, e não completamente arbitrarios, como acontecia com o *litin*.

Não ha duvida, que esta reforma é das mais importantes que se podiam arrancar á proverbial inercia da China, e mais valiosa que todas as medidas de caracter politico que lhe fossem impostas. Resta agora saber como a reforma será executada, ou se ficará como tantas outras apenas no papel. O caracter utilitario que a distingue, e a circumstancia de que é o commercio em geral que d'elle tira o principio ou pelo menos o lucro immediato, deixam esperar que terá de executar-se. Neste caso o interesse individual será o melhor penhor da sua execução. No entretanto como se trata da China, é sempre bom estar de sobreaviso. E depois, forçoso é confessar, que a reforma de que se trata, se é altamente recommendavel sob o ponto de vista das vantagens do commercio europeu, representa para a administração chinesa uma sensivel perda pecuniaria, além de uma revolução importante nos tradicionais processos de taxaço. Por todos estes motivos a abolição do *litin*, muito embora inscripta como clausula preceptiva no tratado anglo-chinês, e sustentada pela força de todo o commercio europeu, americano e japonês, ha de levantar difficuldades no paiz, e não poderá executar-se com a mesma facilidade com que foi negociada pelos seus promotores.

Os que prophetisavam que com a morte de Mac-Kinley a presidencia dos Estados-Unidos ia cair em mãos debeis e inexperimentadas, enganaram-se completamente. Pôde mesmo dizer-se que o successor do fallecido presidente, sob muitos pontos de vista se lhe avanta, revelando a todo o momento qualidades que nem o seu caracter, nem os seus precedentes faziam suspeitar. Por isso, ao contrario do que ao principio se pensava, começa a ter-se como altamente provavel, senão como quasi certa, a sua reeleição em 1904, anno em que o actual mandato termina para elle.

E na verdade o sr. Roosevelt merece bem a popularidade de que está gozando em toda a União.

Independente como nenhum outro de todos os corrilhos e conventiculos politicos; dotado de um senso pratico admiravel, mal comparavel á sua estatura com a sua grande coragem e a sua grande *spyrmas*; possuidor de uma grande fortuna, que o põe ao abrigo de quaesquer transigencias e da necessidade de obterem ás intimidades dos millionarios, que tanto prejudicaram a linha moral de Mac-Kinley; corajoso até á temeridade; franco até á rudeza; conhecedor dos negocios e ao facto de todos os segredos do mechanismo administrativo do paiz; e para coroar todas estas qualidades, raramente reunidas na mesma pessoa, animado de um patriotismo ardente, embora esclarecido, pôde dizer-se que o presidente Roosevelt realisa o ideal do supremo magistrado de uma democracia moderna, e que é no momento actual a personalidade mais em evidencia do mundo anglo-saxonio, do *english speaking world*, como os escriptores inglezes preferem chamar-lhe.

Os dois recentes discursos pronunciados por Roosevelt, um a proposito dos *trusts*, e o outro a respeito da doutrina de Monroe, produziram enorme sensação em todo o publico americano, e pôde affirmar-se tambem na Europa, sobretudo o ultimo. A respeito dos *trusts*, admitindo-os muito embora como uma tendencia fatal da industria moderna, declarou ser sua opinião, que por legislação apropriada se lhes deve impedir os abusos. Esta declaração estava-se tornando tanto mais necessaria, quanto é certo que o partido democrata e o sr. Bryan se estão preparando para fazer da questão da abolição dos *trusts*, o mais importante capitulo do programma para a proxima lucta presidencial. Se o partido republicano se apresentasse na arena eleitoral como o incondicional defensor da obra dos Rockefeller e Pierpont Morgan, a sua derrota era quasi certa. E assim o sr. Roosevelt ao mesmo passo que com a sua costumada franqueza e energia tomou desde já posição contra os abusos dos reis do moderno industrialismo, prestou habilmente um grande serviço ao partido republicano, rompendo a solidariedade, tão intima no tempo de Mac-Kinley, entre esses odiados monopolistas e a facção politica de que elle é o representante no poder.

Com respeito á doutrina de Monroe não tiveram as suas declarações menos oportunidade. Em presença da attitude pouco tranquilisadora da Alemanha para com os paizes sul-americanos, onde existe uma importante colonisação allemã, como a Republica Argentina e o Brazil, o presidente Roosevelt ser conveniente mais uma vez affirmar o proposito da União em não consentir em terra americana aventuras politicas de qualquer potencia europeia. E que semelhante affirmativa não deve ser tida como meramente platonica, provou-o a declaração do mesmo presidente, instando pela criação de uma forte esquadra, que possa servir de sanção, em futuras eventualidades, ao *velo* da America. Em Berlin devem ter comprehendido a advertencia. E se a tal effeito algum decreto ou para supremo regulador das nações o direito da força, devem os allemães aceitar com resignação a intimação, que do outro lado do Atlantico lhes manda um poder mais forte.

# Atravez da arte

## Senhora de Lourdes! <sup>(1)</sup>

Tem Portugal mais uma capellinha,  
Nossa Senhora mais um ninho ainda;  
Como essa pedra tanta luz continha!...  
Como erguida p'ra o ceu ficou tão linda!...

Sobre a mais bella e altaneira serra  
Ergue-se a capellinha e de lá desce  
Toda a benção que envolve a nossa terra  
E toda a luz para quem d'ella carece.

Vão andorinhas lá fazer seus ninhos,  
Os altos sinos vão-n'as encantar;  
Tendes mais uma casa, pobresinhos,  
E nós uma luz mais p'ra vêr do mar.

Pôvo d'heroes que encheu tudo de gloria  
E uma lyra levou d'estrella em estrella,  
Não ha só a Senhora da Victoria;  
Outra ha ainda; approximave-vos d'ella.

Erguida alli por santas mãos piedosas,  
A alegre capellinha, com amor,  
Que lindo que vae ser o mez das rosas  
P'ra todas as aldeias em redór!

As raparigas vão casar depressa,  
As sementeiras duplicar de ganho,  
Sob esse olhar, que é todo uma promessa,  
Sob esse amor, que é o unico que tenho.

Estrella aonde todo o sol se mette,  
Peito onde quebra todo o desespero,  
Quer seja como a viu a Bernadette  
Ou a sonhou a duvida d'Anthero!...

E vejo a linda capellinha erguida,  
Em noites d'arraial, balões dispersos,  
Arcos de murta, toda a nossa vida,  
Raparigas, guitarras, os meus versos...

Hão-de ir de Coimbra, onde se cantam, entre  
Versos d'outros, que lá vivem tambem,  
Da paizagem que os trouxe no seu ventre  
E que é p'ra nós uma segunda mãe.

É de lá toda a fé que essa capella  
Ergueu n'esse alto esplendido de serra,  
Com duas torres a puxar por ella  
P'ra o ceu, levando junta a nossa terra.

Quem ha p'ra ahi que não chamasse ainda,  
'Numa hora de dôr a mãe do ceu?  
Quem esperou em vão pela sua vinda?  
É que filho essa mãe não attendeu?

Ha dez annos qu'eu sobre o mar emquanto  
Pedia a Deus a morte ella apparceu,  
E as minhas maguas transformou em pranto  
Levando-n'as em nuvem para o ceu.

E como então eu era bem feliz,  
— Aos vinte annos não ha nenhuma f'rida —  
Sem um amor, longe do meu paiz,  
Sem a dôr de pensar, de dar a vida!...

Que tudo o que não é amor ou arte  
É a terra amada e triste onde nasci  
E' a benção de Deus por toda a parte,  
Tudo a que aspirei e qu'eu então perdi.

Mas a Virgem olhou para a creança  
Que Portugal tinha d'ouvir chorar,  
E, abaixado o arco da Alliança,  
Deu-lhe a mão e passou com ella o mar.

Como essa voz é candida e quieta!  
Como esse olhar é limpido e profundo!  
Oh descendente do maior poeta  
Que inda passou por este triste mundo! ..

Deixou-me só quando o sol d'oiro erguia,  
Sobre o paiz do sol e mais do mar,  
Tudo que dentro do meu peito havia  
P'ra dar, como esse sol se sabe dar.

E ao vêr erguida essa capella agora  
— Porto a que um dia esta alma aportará —  
E' a minha gentil Nossa Senhora  
Quem eu lá vejo e quem adoro lá.

Dos Remedios de Lourdes? é a minha!  
— Do berço á morte ha um rapido declive —  
A que anda disfarçada em pobresinha,  
A madrinha do filho qu'eu não tive.

Voem meus versos para o seu telhado!...  
Para os seus sinos minhas rimas vão!...  
E ouça-os a patria que m'os tem amado,  
E mais aquelles que m'as perdoarão.

O sentimento é como a nossa terra;  
E' largar para o mar ou p'ra o Ideal!...  
Eis a India no alto d'uma serra!  
Mais uma estrella sobre Portugal!

GUDES TEIXEIRA.

<sup>(1)</sup> A nove kilometros de Oliveira d'Azemeis encontra-se a aldeia da Carregosa.

E' alli que o sr. Bispo Conde fez erigir á Virgem de Lourdes o maior e mais bello sanctuario que até hoje se tem levantado em terras portuguezas.

Diario de Noticias n.º 13201



## A Arte no Brasil

Publicamos hoje copias de dois esplendidos quadros de Willi Reichart, o desenhador allemão que ha 16 annos vive no Brasil, onde tem estudado a natureza e os costumes, conseguindo reproduzilos com uma nitidez pasmosa a bico de pena. O sr. Reichart cursou a Academia de Bellas Artes de Munich e teve como professores Ludwig von Löfftz e Willem von Lindesemid. Reconhecido o seu merito real foi chamado a reger, em '96, as aulas do desenho do Gymnasio Offical de S. Paulo. Muitos são os seus trabalhos, e entre elles notam-se soberbas telas de grandes dimensões. A *Scena campestre*, e o *Cantor desajudado*, que reproduzimos, e que dão ideia do alto valor do artista, fazem parte das notaveis colleções do Dr. Freitas Valle.



WILLI REICHART

# A ARTE NO BRASIL



SCENAS CAMPESTRES — Quadro de WILLI REICHART

# A ARTE NO BRASIL



CANTOR DESAFINADO — Quadro de WILLI REICHART

# Tempo de Caldas

**A** MADURECERAM as frutas.

Nas quintas e nos mercados, a coloração sábia dos pécegos, das maçãs, das pêras, dos últimos morangos e das últimas ginjas, borda um matiz aromático no verde das ramagens e na verga das canastras.

Aos raios dum sol canicular a melancia saborosa mostra a púrpura das suas talhadas, enquanto as uvas acabam de pintar por essas vinhas e parreiras.

Chega então o momento de grande azáfama nas cozinhas e nas copas; entram em aviamento as receitas das doçarias célebres; põem-se em prática os bons costumes da antiga dona de casa que preparava, no verão, o doce de frutas que havia de servir-se nas sobremesas do inverno.

Os boiões, as compoteiras, os frascos e as latas, que longo tempo esperaram para voltar ao serviço, são lavados e limpos com esmero.

Procuram-se os tachos de arame e de barro que hão-de ir ao lume; descasca-se e corta-se a fruta; e finalmente, com os ingredientes necessários, prepara-se a calda de assucar.

Nesse momento a cozinha é o foco de atracção do lar burguez; ali se desenvolve o maior trabalho; para ali corre todo o pessoal da casa: e ao alarido domestico do tinar dos vidros, do bater das facas, do tocar dos pratos, do ferver da agua, as creanças juntam as suas risadas e as suas perrices, desasocegadas e alegres com o cheiro da guloseima.

— O' mamã deixa provar?...

— Menino, não méxa!

E agarram-se ás creadas, e acavalitam-se nos creados, para que lhes dêem um bocadinho — *sem a mamã vêr!*

O esboço deficiente deste quadro permite reconhecer o tempo em que se fazem os doces de frutas com calda: que é este o tempo das caldas. Mas a época em que se presta culto á lambarice lisboética alvo-roça igualmente a sociedade elegante — a que não prepara doces para o inverno.

Toda essa sociedade que conhece a existencia das cozinhas, porque em seus palacios como manjares saborosissimos — entre a opulencia de baixelas faiscentes e o rico mobiliario das cazas de jantar — nunca se interessou, no repouso dos seus folguedos, pela conserva de frutas: basta lhe que a saiba comêr!

A mesma phrase, porém, agita-a e entusiasma-a: estas palavras

Avenida ferve o sangue a muita menina a quem o sapateiro faltou com botas brancas de salto á Luiz XV.

Emquanto nas copas se descascam as pêras e as maçãs, nas *toilettes* despen-se corpos e provam-se vistosas *blouses* de sêda.

Emquanto nas prateleiras altas das dispensas se guardam as latas, os boiões, os frascos, nas malas, abertas no chão, arrumam-se *sachets* e camisas, *velutines* e penteadores.

Num modesto primeiro andar da Graça a cozinheira pergunta á patroa:

— A senhora quer que compre este anno pécegos para fazer calda?

— Oh! com certeza! e dá-lhe vinte e cinco tostões.

Na elegante *marquise* do seu palacio da Lapa o visconde pergunta á viscondessa:



*Novo hospital das Caldas da Rainha*

— Tu este anno tambem queres ir para as Caldas?

— Oh! com certeza! e dá-lhe dois beijos.

Esta estação das Caldas da Rainha marca e dá cotação na atmosfera das salas. É ante-câmara das praias; é o primeiro degrau da escadinha por onde se sobe á alta roda de Cascaes. Quando aqui, n'esta aristocratica praia, apparecem as M M, as N N ou as O O, que são pouco conhecidas, ficam logo com passaporte de apresentações se alguém diz:

— Estive este anno com ellas nas Caldas, no *Lisbonense*; são interessantes, *sympathicas*... Creio que leem fortuna...

As ultimas palavras dão a chancellaria official: podem entrar!

Tão arregaidas estão no nosso espirito as Caldas da Rainha no mez de agosto, que basta dizer simplesmente — *vou para as Caldas* — para já se saber onde é.

Abundam no paiz outras Caldas de salutar effectos para doentes e invalidos: Caldas da Amieira, de Vizella, de Molédo, de Monchique, dos Cúcos, da Felgueira, e mais, muitas mais, que a medicina recommenda e que os factos demonstram possuir ricas propriedades therapeuticas.

Mas Caldas, Caldas! para são e doentes, para mamãs rheumaticas, filhas casadoiras, papás anginosos e filhos janotas, para maridos arthriticos e esposas galantes, — são as Caldas da Rainha.

— Oh! quanto te deve a galanteria alfacinha, mulher de D. João II, por teres fundado esse hospital que é o iman moderno do mundanismo alfacinha que se diverte!

A curar das suas gargantas, a tratar das suas pelles, a alliviar os seus rheumatismos, os grupos percorrem a Copa, descansam no parque, e para alli vão, das duas ás quatro da tarde, ouvir a banda da Guarda Municipal. Ostanta se um luxo de *toilettes* sob os arvoredos e nas margens dos lagos, como se todas as mulheres formosas que ali estadeiam, tentassem vencer a sua belleza com a belleza dos seus vestidos e chapéus.

A' noite, no *Ceu de Vidro*, um corredor envidraçado, onde se pára antes de entrar no Club, os anjos da terra cantam e contam as aventuras do dia e as noticias que receberam. Murmuram-se pequeninas intrigas temperadas pela agua sulfurea e que se disfarça no aroma capitoso das saias, rangendo voluptuosamente.

De resto, no Club é o conhecido quadro de todos os clubs congéneres. Amores, *flirts*, valses, um aperto de mão furtivo, um olhar mais penetrante, um ciúme que se cála, um *pic nic* que se promove, uma anecdota que se repete, um pae que desconfia, um parceiro que perde.

E lá longe, transpondo a Matta de discretas sombras, e de occultos



*A fabrica de faianças de Raphael Bordallo Pinheiro*

— tempo de caldas — fazem rodar carruagens, abrir cofres, escolher vestidos, joias, rendas e perfumes...

Das alcóvas atapetadas no salão em desordem das modistas só se pensa que é tempo de Caldas... da Rainha!

Eis a differença. Nas cozinhas dominam as caldas de frutas; nas salas reinam as Caldas da Rainha.

Emquanto no tacho de arame ferve o assucar, nos palacêtes da



então, quando tantas mal-querenças, ciúmes e vaidades, andavam por lá semeados.

Mas o grupo do visconde de Soares Franco não quiz adherir á luctação, nem quando ella adheriu o de Frederico Guilherme da Silva Pereira e assim foi por aqua abaixo o plano do grão-mestrado de D. Fernando.

Aquelle homem grave e circumpecto, que eu conheci quando ministro de estado honorario, tinha sido rapaz bulçoso e aventureiro, vivendo na vida dos palcos, como festejado actor dramatico, no convívio dos melhores talentos e das mais formosas actrices, borboletando em amores facéis, por entre os riscos das partidas inexoraveis de Bossa-pae, que uma vez, ainda entre frouxos de riso, me contou como o convidara a tomar café, pouco tempo antes de uma primeira entrevista, e tivera a arte de lhe deitar na chavena um drastico qualquer; mas tambem tinha sido sempre o homem de brio e de palavra, que, chamado ao campo de honra por uma questão jornalística, se bateu denodadamente, apesar de ter de sobrepor aos olhos azulados de forte gradação uma luneta ainda mais graduada, segurando-a com a mão esquerda enquanto com a direita ia esgrimindo.

Se a myopia porém o não impediu de se sair airoso de d'este lance, desairado o deixou n'um outro, em que se encontrou com o sempre abstracto Antonio de Serpa, nas salas do Gremio.

Estava este sozinho sentado a uma mesa de gofo, fumando, philosophando, e no eterno movimento com a fita da luneta, quando Mendes Leal lhe abançou ao lado, e, pousando o chapéu no chão, começaram os dois a conversar animadamente. Em menos de tres minutos, tinha Antonio de Serpa deitado desdenhosamente a ponta do charuto para dentro do chapéu do seu interlocutor, que, assistendo a luneta e convencendo-se de que aquillo era a escaradeira, não tardou a imital-o; depois cuspiu um e cuspiu outro, e por fim, quando mandaram vir chá, como transbordasse das chicanas aos pipes, ambos á porfia o despejaram, n'um duelo a quem mais havia de ter que deitar lá dentro: de tal arte que, quando Mendes Leal foi a retirar-se, em vez da cobertura da cabeça, encontrou-se com um barril de lico.

Franzino, debil, inutilizado quasi pela falta de vista, tinha Mendes Leal sido sempre um energico e um resolute, e, se no tracto habitual era suave e meigo, tornava-se aspero e decidido, quando, como se costuma dizer, lhe faziam chegar a mostarda ao nariz.

Ora teve elle a velleidade, já quando ia muito alto na carreira publica, de se intrometer no actual monumento da opera bulesca, traduzindo para a Trindade *A bella Hellena*, que Frondoni, devia ensaiar.

O talentoso italiano, que tendo sido rival de Verdi nas aulas, veio sepultar entre nós as suas aptidões, era o flagelo dos traductores, exigindo aqui um verso agudo, além uma mudança de acento, logo a troca de uma palavra que coubesse melhor na musica, e embriou com um *pundonor* da traducção, reclamando que Mendes Leal o substituisse por honra.

O illustre homem de letras, que não queria desdizer da gravidade da sua posição, nem se quer a teuzir oppertas de Offenbach, toma areis sollemes e diz para o ensaiador:

— Com a honra não se brinca, sr. Frondoni!

— Pois com o pundonor não se canta, sr. Mendes Leal! replicou o maestro, virando-lhe as costas.

Uma tempestade, que o bom do Francisco Palha teve um trabalho a acalmar, propoz qualquer palavra, que ficava algum tanto disparatada, mas com que Mendes Leal transigiu e Angelo Frondoni aceitou... porque cabia na musica.

É o homem, que, já adiantado na vida, assim se preoccupava com estas ninharias theatraes, dava, pouco tempo depois, á estampa *La légende et l'histoire*, um magnifico trabalho critico sobre as pretensões dos portadores de titulos de D. Miguel, trabalho que nunca ninguém ousou refutar, e que foi o canto do cygne d'aquelle robusto engenheiro, sempre amante da patria e da liberdade, sempre escutado com veneração e que manevava com igual primor, quer em prosa, quer em verso, a lingua portugueza e franceza.

Quando eu fui promovido a cirurgião-mór, estava arriscado a sair de Lisboa, o que me fazia grave transtorno; e Mendes Leal, sabendo isto, foi ter espontaneamente com o general Rego, então ministro da guerra, n'uma situação do duque de Avila, que todos apoiavam e que cada um hostilizava para lhe adir a herança, e disse-lhe, na situação de ambos, havia dois modos de recomendar: ou eu dejeo que se faça isto, se for possível, ou eu quero que se faça isto; e a sua recommendação não era das da primeira especie.

Devi-lhe essa grande fineza e nunca a esqueci; e como, de uma vez, tivesse enjoo de lhe fazer qualquer referencia agradavel na *Revolução de Setembro*, embora tivesse plena liberdade no jornal, quiz, por um acto de cortezia, consultar Rodrigues Sampaio, visto saber como os dois se não amavam desde os tempos da pateleia; e aquella grande alma disse-me que não si podia escrever quanto quizesse, mas até elle escreveria, se fosse preciso.

Por isso, não me admirou a presteza e boa vontade com que o grande jornalista accedeu ao caprichinho d'elle de ser condecorado com o simples grao de cavalleiro de Torre e Espada pelas suas façanhas do Snajo.

O antigo e glorioso redactor do *Espectro*, que apresentou a El-rei o decreto elevando a marquez o conde de Thomar, não sabia o que eram resentimentos, rancuras, e condecorando Mendes Leal, ficou com a honrada consciencia tão tranquilla, como quando, no ardor da lucta, injectivava violentamente o heroe do Snajo. Leão indomito na refrega, pomba sem fel, depois.

A ultima vez que falei áquelle homem insigne, que tanto trabalhou desde a juventude, e que, emergindo da obscuridade, chegou ao prestigio de consideração social, foi em Paris, onde o fui encontrar já enveitado e alvejado, e com aquelle descontentamento por tudo e por todos, que é prenuncio de abatimento de espirito a pender para os abysmos do tumulo.

Efectivamente, pouco depois falleceu Mendes Leal, e com elle, — triste capricho do destino! — quasi se apagou a lembrança da sua obra, de tal arte, que nem romances, nem poesias, nem sequer o vasto repertorio theatral, onde havia muito que estudar, se encontram já facilmente.

E' que Mendes Leal era, de sua indole, muito activo e nobre para ter apagnados, que o exalçassem em vida ou lhe cantassem as glorias depois da morte!

A. M. CUNHA BELLEM.



↑ seu Livro em 4-9-902

## As nossas gravuras

**José Bento Ferreira d'Almeida** — O illustre capitão de mar e guerra que estava em commissão commandando o couraçado *Vasco da Gama*, agora em Livorno a reconstruir-se, era incontestavelmente, pelo seu temperamento especial, um figura á parte na politica portugueza que ha muitos annos seguia de perto com um enthusiasmo já um pouco raro. Filho de Manoel Joaquim de Almeida, grande influente em Faro e que por varias vezes representou esse circulo na camara dos deputados, herdou de seu pae a representação eleitoral d'essa cidade, em 1884, depois de ter governado o districto de Mossamedes. Uma vez no parlamento, tomou logar entre as fleiras do

partido progressista que acompanhou até 1898, quando se deu um conflicto pessoal com o Ministro da Marinha, ao fim de uma sessão em que elle havia tratado de varias questões ultramarinas, conflicto de que o governo fez questão politica, e a opposição a accitou n'esse campo. Ferreira d'Almeida foi preso, e depois julgado pela camara alta que o condemnou a uma pena insignificante de prisão. Como o partido regenerador estivesse ao tempo na opposição, e tomasse a sua defesa, o deputado incriminado julgou dever acompanhal-o, conservando no entanto, como tivera sempre, uma certa liberdade de accção que por vezes se fazia nos seus discursos parlamentares incontestavel interesse. Foi esse partido que o fez ministro da marinha em 1885, de janeiro a novembro, no gabinete Hintze-Franco, e na gerencia da sua pasta manifestou bem, a par dos defeitos do seu temperamento, qualidades brilhantes de energia. Seja-lhe feita essa justiça.

Quanto á sua carreira militar, essa durou desde 1867, em que assentou praça, até 1901 em que foi promovido ao posto de capitão de mar e guerra. Commandante do *Vasco da Gama*, pensou logo em transformar esse couraçado, já um pouco *almeidi* e invalido, as condições necessarias para navegar, e, de accordo com o governo, obteve de varios estaleiros afamados da Europa os orçamentos para a sua reconstrução. Resolvida esta, partiu com o seu navio para Livorno, onde seguia com verdadeiro enthusiasmo a sua obra, quando um anthrax o prostrou no leito. Quatro vezes o operaram, e logo de principio a doença tomou um caracter grave que elle conheceu immediatamente. Então, com uma coragem desigual, dispoz tudo. Escreveu ao ministro, poz todos os seus papeis em ordem, relatou as obras até si feitas no navio e as que faltavam, desposou a senhora que lhe era companheira de muitos annos, fez as suas disposições testamentarias, legou a fortuna particular á esposa, determinou que o seu cadaver fosse cremado e que as cinzas se lançassem ao mar. Esta ultima determinação deixou a escripta n'uma carta depois do testamento, mas como a viuva se oppozesse, o governo, consultado pelo official que o substituiria no commando do navio, respondeu que não podia intervir n'esse ponto e que se fizesse a vontade da viuva.

Durou um mez a agonia de Ferreira d'Almeida, official valente, homem energico, e politico intelligente e bem intencionado, embora nem raras vezes tivesse sido injusto com pessoas e acontecimentos.

**Visita do visconde de Ouro Preto a Santos** — D'esta importante cidade dos Estados Unidos do Brasil, de alguns dos seus principaes edificios, ruas, monumentos e gravuras, e de dois que dros historicos que se admiram no museu de Ipiranga do estado de S. Paulo, damos hoje differentes gravuras a proposito da visita que aquelle illustre homem publico acaba de fazer-lhes.

**Club de Regatas Santista** (Santos-Brasil) — Este club foi fundado em 1890 e reorganizado cinco annos depois. Conta, c. 18 embaixadas. A sua directoria é a seguinte: Godofredo Faria, presidente; Albano Corte Real, vice; Mario Moraes, 1.º secretario; Joaquim C. Montes, 2.º; Domingos A. de Souza, thesoureiro; Arthur C. de Camargo, João A. Borges, Arthur M. Guimarães, directores.

# A mãe da caserna

I

NA noite de 29 de maio de 1871, depois da semana terrível, quando as chamas devoravam ainda Paris horrorizado, o tenente Marchaud, da guarda municipal, entrava fatigadíssimo, nervosíssimo, voltando da batalha, na caserna dos Celestinos. A sua mulher e a sua filha esperavam-n'o, mas o tenente Marchaud não vinha só, trazia uma criança pela mão.

— Magdalena, disse elle á sr.<sup>a</sup> Marchaud, aqui está o que eu trago das barricadas; e melhor isto que uma bala na barriga.

— Quem é essa pequena selvagem, com os cabellos estopentados, e o rosto negro de pólvora?

Eulalia não respondeu. Tinha divisado uma creancita de tres annos pouco mais ou menos, que dormia n'um pequeno berço, ao pé do leito de sua mãe.

— É minha filha Luiza, disse a sr.<sup>a</sup> Marchaud.

— Dá-me licença que lhe eu dê um beijo? perguntou Eulalia.

— Dá, sim.

O beijo de Eulalia acordou Luiza, que, muito espantada, examinou a estranha.

— Olha! disse ella, bonita!

E Luiza, com a ponta dos seus dedos cõr de rosa, poz-se a affagar as faces pallidas da desconhecida.

Entretanto, ainda se ouviam ao longe os ultimos rumores da batalha.

II

No dia seguinte, o tenente Marchaud e sua mulher pizeram-se á busca de uma casa hospitaleira, de um asylo, onde consentissem em receber a humilde victima da guerra civil.



Phot. amad. J. M. Pereira

Visita do visconde do Ouro Preto á Casa da Misericórdia de Santos (Brasil)

(A' direita do visconde o dr. Martim Francisco)

— Encontrei-a nas alturas de Belleville, n'uma casa esmagada pelas bombas. O pae e a mãe — operarios — acabavam de ser mortos; ella estava doida de medo. Ao ver-me, precipitou-se nos meus braços, e não me quiz largar. Teria morrido de fome e de terror, se eu a tivesse abandonado. Pois muito bem! ella aqui está.

— Investe razão, meu amigo. Como te chamavas, minha filha?

— Eulalia Dupin.

— Quantos annos tens?

— Sete.

— Tinhas outros parentes, fõra os teus paes?

— Não, minha senhora.

— Queres ficar aqui alguns dias, até te encontrarmos outro asylo?

— Oh! se quero!

A mulher do tenente era bondosa; em poucos instantes lavou a cara da pobre pequena, arranjou-lhe o humilde fato, penteou-lhe os longos cabellos negros polvilhados pela poeira.

— Vê lá, meu amigo, não está nada feia, agora. Tens fome, querida?

As suas buscas foram demoradas, e os resultados pareciam bem duvidosos.

Entretanto Luiza e Eulalia davam-se excellentemente uma com a outra. Dir-se-iam duas irmãs. Eulalia na sua qualidade de mais velha tomava ares de protecção; punha a sua alegria e o seu orgulho em tratar, em vestir, em enfeitar essa irmãsinha que lhe fõra dada, embalava-a, animava-a, admirava a, e passava horas inteiras a contemplar-a debaixo das suas corrinhas brancas.

Uma vez a sr.<sup>a</sup> Marchaud recebeu uma carta da provincia, que mostrou immediatamente a seu marido.

Eulalia estava a tagarellar com Luiza.

— Minha pobre Eulalia, disse a mãe, encontrámos o que procuravamos para ti — um asylo ao pé de Tours, que se encarrega da tua educação e do teu futuro. Veem-te buscar d'aqui a uma hora. Promettes-nos ter lá muito juizo como tens tudo cá?

Eulalia ficou immovel como se não tivesse percebido, mas os seus labios começaram a tremer, e lagrimas como punhos lhe rolaram pelas faces.

Mas Luiza que ouvira sua mãe — não se imagina como as creanças adivinham rapidamente o que parece que lhes é estranho — Luiza passou os braços á roda do peçoço de Eulalia, gritando:

— Mamã! mamã! não quero que a levem! Eu gosto muito da Eulalia, quero-a cá.

Não sei qual foi o philosopho que disse: «O despotismo é ás vezes uma protecção». É verdade, pelo menos com o despotismo das creanças. Luiza, mesmo sem muitos pedidos nem muitas lagrimas, ganhou a causa de Eulalia.

— Pois sim! disse o tenente a sua mulher, fiquemos com ella!

Decorreram quatro ou cinco annos. Eulalia Dupin fez doze annos e Luiza Marchaud sete; Eulalia adorando sempre a sua pequenina ama; Luiza amando de todo o coração a sua companheira mais alta e mais velha do que ella. Não muito alta, porque Eulalia augmentara mais em largura do que em altura, mas ainda tinha tempo de se desenvolver e viria a ser uma linda rapariga.

Se não era alta, era forte. Todos os dias a viam empurrar com vigor o antigo carrinho com tres rodas de Luiza, que servia agora a todas as creanças do quartel. Era esse o seu triumpho e a sr.<sup>a</sup> Marchaud queria a esta creança tão corajosa e tão dedicada quasi tanto como á sua filha.

A desgraça, se fosse realmente a arma da Justiça, só devia ferir os culpados: mas fere tambem os innocentes.

A sr.<sup>a</sup> Marchaud entrava um dia no quartel, Eulalia e Luiza corriam na sua frente; Luiza ia adiante e acabou-se de repente quasi debaixo dos cavallos das patrulhas que sahiam pelo largo portão. Os soldados empinavam os cavallos, mas o perigo não deixava por isso de ser grande. Eulalia deu um grito, correu para Luiza, agarrou-a e atirou-a com força para o lado. No mesmo instante, antes d'ella propria ter tempo de fugir, a pata de um dos cavallos bateu-lhe rudemente no hombro, e Eulalia cahiu na calçada. Levantaram-na muito cuidadosa, emquanto ella dizia:

— Ao menos a menina não tem nada!

O cirurgião-mór declarou que Eulalia apenas soffrera algumas contusões: era um optimista.

Ao cabo d'alguns mezes, viu-se que Eulalia não se desenvolvia, e verificou-se que tinha um desvio na espinha, a que a medicina chama a «cyphose».

A doença não cedeu a regimen algum. Eulalia era corcunda, horrorosamente corcunda e o seu desenvolvimento já bem lento cessou para sempre. Foi enorme o desgosto do sr. e da sr.<sup>a</sup> Marchaud, de Luiza, dos officiaes e dos soldados que eram todos doidos pela pobre creaturinha. No bairro do Arsenal, chamaram-lhe desde então a «Anã da caserna».

A pobre Eulalia consolou-se da sua disformidade vendo a sua Luiza crescer e fazer-se bella.

O sr. e a sr.<sup>a</sup> Marchaud não eram ricos. Tinham ainda que economi-

sar, dos seus modestos rendimentos, uma quantia annual para o futuro dote de sua filha. Tinham como criada só uma mulher que vinha fazer a comida e ainda assim achavam pesado este encargo. Eulalia, que era tão sensata como boa, chegava aos quinze annos, quando disse á sr.<sup>a</sup> Marchaud:

— Mas, minha senhora, a tia Lambin é aqui inútil; eu substituí-a-hei, e faz-se assim uma economia de 30 francos por mez, fora o que se lhe dava de comer.

— Pobre creança! tu não és forte, e não poderias ser boa cosinheira!

— Experimente, minha senhora, e verá.

— Pois bem! está dito; mas has de receber ordenado. Sem isso, não quero.

Eulalia corou um pouco, reflectiu durante alguns momentos e disse afinal:

— Seja, mas não aceite mais de 20 francos, mais nada!

Fizeram-lhe a vontade.



J. MARQUÊS PEREIRA

Collaborador photographico do Brasil-Portugal em Santos (Brasil)

III

Cosa extraordinaria! No meio de todas as suas qualidades, Eulalia manifestou em breve um defeito, ou pelo menos o excesso d'uma qualidade: não se tornou positivamente avarenta, mas excessivamente economica. Todos os mezes ia levar as suas soldadas á Caixa Economica, e depois, guiada pelos conselhos d'um excellent homem, rico architecto do bairro do Arsenal, collocou as suas economias em bons valores, em obrigações do Credito Predial. Digámos o verdadeiro termo: Eulalia gostava de dinheiro. Tinha desculpa, lembrava-se da sua primeira infancia, do seu pae muitas vezes sem trabalho, da sua mãe voltando sem pão e sem ter que fazer na fria mansarda onde a filha morria de fome.

Diga cada um o mal que quizer das loterias e dos sorteios financeiros, a verdade é que aquelles que com elles ganham acham admiravel a instituição.

Eis a noticia que se espalhou no mez de maio de 1885, na caserna



Phot. amad. J. M. Pereira

RUA 45 DE SETEMBRO, Santos (Brasil)



Phot. amad. J. M. Pereira

BANDA COLONIAL, Santos (Brasil)

dos Celestinos: Eulalia, a anã, ganhara 20.000 francos no último sorteio do Crédito Predial!

Era exacto.

Foi prodigiosa a impressão que isto fez em todos os guardas de Paris, e o quartel-mestre ficou pensativo durante toda a semana.

O quartel-mestre afastou-se dos seus camaradas.

O capitão Marchaud (ganhara corajosamente os seus galões) recebeu a visita d'um joven brigadeiro pelo qual se interessava muito; era um bello rapaz, nascido nas montanhas do Ardèche e que se chamava Scipião Lassalle.

— Meu capitão, sem mais rodeios: eu queria casar com a menina Eulalia Dupin.

— Mas meu rapaz, ella é uma anã. Nem te chega á cintura!

— Sou franco, meu capitão; não é pela sua estatura que me agrada é pelo seu bom coração, e, depois...

— E, depois, pelos 20.000 francos, não é verdade?

— Confesso-o, meu capitão, mas hei-de fazel-a feliz... á fé de homem honrado! Levo-a para as nossas montanhas, compro-lhe uma herdade, e alli viverá, entre mim e minha velha mãe, amada como o merce.

— Bem! Scipião, hei-de falar-lhe.

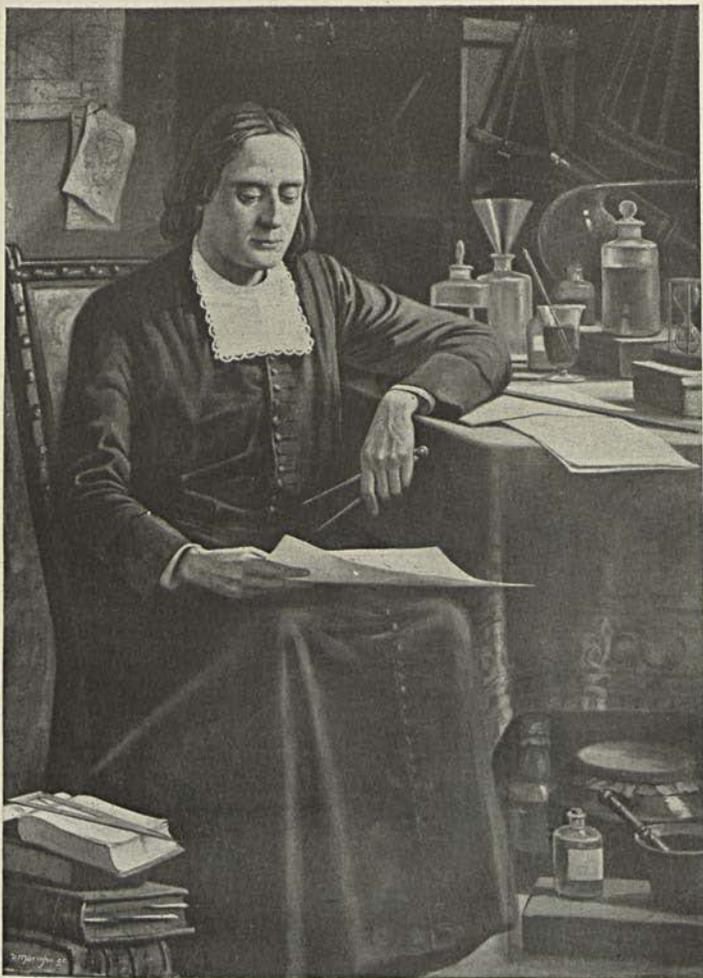
— O capitão transmitiu a Eulalia o pedido do cabo.

Não façamos a nossa heroína mais desligada das cousas da vida de que o era; se gostava de dinheiro, não detestava o bello militar, como se dia na cançoneta; especialisára mesmo Scipião Lassalle que tinha um soberbo bigode, uns olhos pretos e um bom coração.



Phot. amad. J. M. Pereira

S. VICENTE, Santos (Brasil) onde desembarcou Martin Affonso



Phot. amad. J. M. Pereira

## A DESCOBERTA DOS AEROSTATOS

O Padre Bartholomeu Lourenço, natural da cidade de Santos, examinando em seu laboratório um dos planos da sua machina de voar, antes de fazer as experiencias que se effectuaram em Lisboa, deante do Rei D. João V e de sua Corte, a 8 de agosto de 1709.

Quadro de B. Calixto pertencente ao Museu do Ipiranga, do Estado de S. Paulo

Contudo, Eulalia, conhecendo a sua deformidade e fealdade, reservava para si estes pequenos segredos, como é proprio das almas altivas, recebeu portanto a mensagem de Scipião com um vivo prazer interior, mas com uma certa reserva.

— Não recuso, senhor, não recuso. Mas desejo esperar; veremos... Quando a menina estiver casada!

Não quiz desistir, apesar das insistencias de Scipião; e sabe se bem como os cabos tratam promptamente a questão do casamento e mesmo outras questões quasi conjugaes.

É verdade que o excellent Scipião não parecia ter que esperar muito tempo, porque Luiza Marchaud devia casar-se d'ahi a pouco. Estava promettida havia dois annos a um official de grande futuro: o alferes Victor Mayer.

Os dois jovens adoravam-se, e o casamento já se teria realizado, se não fosse a necessidade de completar o dote regulamentar, exigido a toda a rapariga que casa com um official, (cerca de 30:000 francos).

A' custa de muita economia, o sr. e a sr.<sup>a</sup> Marchaud tinham reunido essa quantia e tinham n'a collocado parte em fundos do Estado, e parte n'uma importante casa bancaria.

Tudo corria bem, e, antes d'um mez, Victor Mayer desposaria a encantadora Luiza.

Dissemos ha pouco que as pessoas que ganham nas loterias dos estabelecimentos bancarios acham, com razão, excellenteste modo de enriquecer, mas esta bella medalha tem o seu reverso: um movimento da bolsa, um «krach» inesperado, a causa que aliás mais se devia esperar — arrebatou 25:000 francos dos 30:000 reservados pelo pae e pela mãe para o dote indispensavel de Luiza.

Eram dois futuros anniquilados.

Não houve nem lagrimas nem desespero apparentes; uma resignação triste, e disse.

E até Luiza, com uma voz bastante firme, participou a sua desgraça a Eulalia. Somente na noite seguinte, Eulalia, ao passar pelo quarto de Luiza, ouviu uns soluços abafados.

Tres dias depois o capitão Marchaud recebeu a visita de um velho padre, o qual a primeira coisa que lhe pediu foi que não lhe perguntasse o seu nome.

— Capitão, acrescentou elle, aqui está uma coisa que estou encarregado de lhe entregar; só abrirá esta caixa depois de eu me ter ido embora. Pode aceitar o que ella contém, juro-lh'o pela minha honra.

O velho afastou-se, e o capitão abriu a caixa.

Continha 25:000 francos em notas do Banco, com estas poucas palavras: *Restituição ao capitão Marchaud.*

Quinze dias depois, o alferes Victor Mayer conduzia ao altar mor da egreja de S. Paulo a filha do capitão Marchaud.

Luiza quizeria que a sua boa amiga Eulalia tivesse lugar no cortejo. A polbre anã, fazendo-se ainda mais pequena, introduzira-se na ultima fila e quasi que se não via sentada na sua grande cadeira de damasco vermelho lordado a ouro.

Eulalia, de joelhos, de olhos baixos, livida, com a cabeça enterrada entre os seus dois hombros desiguaes, parecia bem feia no meio de todas essas gentis damas e d'esse brillante estado-maior; mas uma preta que do fundo da sombra olhava para a cerimonia nupcial julgou ver de subito não sei que relampago sublime passar pela frente d'essa anã estranha.

## IV

No dia seguinte á tarde, o bello cabo Scipião entrou na sala do capitão Marchaud, onde Eulalia estava só:

— Agora, menina Eulalia, é a nossa vez. Quando é o casamento!

— Sr. Scipião, qual é o dote regulamentar exigido pelo governo para as mulheres dos cabos.

— 3:000 francos, menina Eulalia.

— Pois já não tenho dote.

— O quê?  
 — Perdi tudo o que tinha.  
 — Mas onde?... Como?..  
 — Chama-se a isto o «krack». O nosso casamento portanto é impossível, sr. Scipião. Jure-me, porém, que não dirá porquê a ninguém, entende. Eu acharei outro motivo para os meus amos e para toda a gente.

— Juro, menina.  
 — Adeus, sr. Scipião, achará outra mulher talvez menos rica, mas decerto menos feia. Adeus e não me responda, adeus Scipião.

Quando Scipião saiu, correu uma lagrima dos olhos da pobre rapariga.

Nesse momento avistou da janella a formosa Luiza que passava radiante pelo braço de seu marido.

Eulalia, para os ver melhor, trepou a um banco, e inclinada para fora, enxugou com os seus dedos magros essa lagrima na sua face; depois levantando os olhos para o céu esplendido, que parecia festejar os casados da vespera, sorriu.

HENRIQUE DE BORNIER.



As mulheres ou tudo vêem ou nada, conforme a disposição da sua alma; o amor é a sua unica luz.

BALZAC.

As mulheres quando devem falar dos grandes sentimentos, das grandes idéas, associam-se de todo o coração a tudo quanto é sublime, cantam de um modo mysterioso tudo o que os homens pensam. Tenho visto, ao ler a historia dos tempos primitivos do christianismo que é muito superior o numero das martyres ao dos martyres.

EMILIO CASTELLAR.

As mulheres tem o dom de curar as feridas da alma com o balsemo da palavra, assim como pensam as feridas do corpo com as suas mãos cuidadosas.

MÉRY.



## A matilha

Pendente a lingua rubra, os sentidos attentos,  
 Inquieta, rastejando os vestigios sangrentos,  
 A matilha feroz persegue enfurecida,  
 Allicudamente, a presa mal ferida.

Um, afitando o olhar, sonda a escura folhagem;  
 Outro consulta o vento; outro sorve a balagem,  
 O fresco, vivo odor, calido, penetrante,  
 Que, na rapida fuga, a vida arquejante  
 Va deixando no ar, perfida e traiceiro;  
 Todos, n'um turbilhão phantastico, ligeiro,  
 Ora, em vortice, aqui se agrupam, rodam, giram,

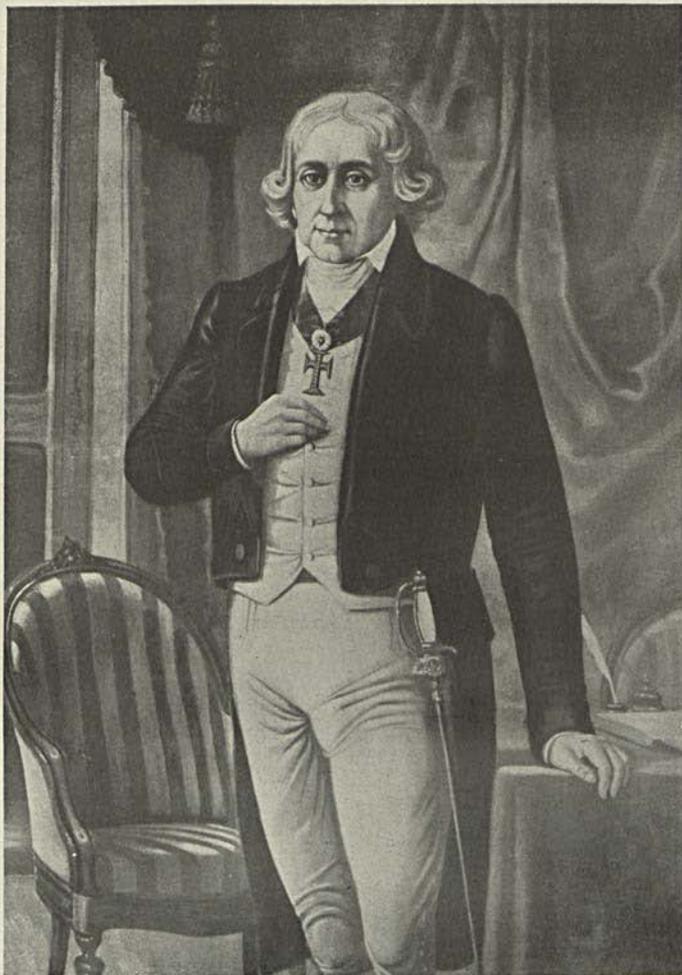
E, cheios de furor frenetico, respiram,  
 Ora, cegos de raiva, afastados, dispersos,  
 Arrojam-se a correr. Vão por trilhos diversos,  
 Esbraseando o olhar, dilatando as narinas  
 Transpõem n'um momento os valles e as collinas,  
 Sobem aos alcantis, descem pelas encostas,  
 Recruzam-se febrils em direcções oppostas,  
 Te que da presa, enfim, nos musculos caçados  
 Cravam com avidéz os dentes afiados.

Não do outro modo, assim meus soffregos desejos,  
 Em matilha voraz de allicudados beijos,  
 Percorrem-te o primor ás languorosas linhas,  
 As curvas juvenis, onde a volupia aninhava,  
 Frescas ondulações de fórmãs florescentes

Que o teu contorno imprime ás roupas eloquentes;  
 O dorso avelludado, electrico, felino,  
 Que poreja um vapor aromático e fino;  
 O cabelo revoltado em anéis perfumados,  
 Em fofos turbilhões, elasticos, pesados;  
 As fibrilhas subteis dos lindos braços brancos,  
 Feitos para apertar em nervosos arrancos;  
 A exacta correcção das azuladas veias,  
 Que palpitam, de fogo entumecidas, cheias,  
 — Tudo a matilha audaz perlostra, corre, aspira,  
 Sonda, esquadrinha, explora, e anhelante respira,  
 Até que, finalmente, embriagada, louca,  
 Va encontrar a presa, — o goso — em tua bocca.

(Brasil)

THEOPHILU DIAS.



Phot. amat. J. M. Pereira

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADE, Patriarcha da Independência do Brasil

Quadro de B. Calixto, pertencente ao Museu de Ipiranga, do Estado de S. Paulo (Brasil)



Phot. amad. J. M. Pereira

MONUMENTO DO IV CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL, em S. Vicente, Santos (Brasil)



Phot. amad. J. M. Pereira

REAL CENTRO PORTUGUEZ, em Santos (Brasil)



**E**stão agora muito em moda entre nós as *interviews*, de que o *reporter* moderno usa e abusa. Não é de hontem a moda e já no penúltimo numero inserimos uma engraçadíssima *blague* de Marc Twain, á febre da entrevista, e que nos suggeriu a idéa de tambem fazer-nos uma *interview* por nossa conta, a respeito do caso da actualidade — as falsificações de farinhas ha pouco descobertas.

Fômos procurar um philosopho nosso conhecido, para ver o que elle nos dizia sobre o assumpto.

Elle mora n'um arredor de Lisboa, em uma casita pequena e baixa, de seis compartimentos apenas, conhecida pelo nome de *Villa Geneveca*. Não direi que seja um primor de pittoresco essa avenida e essa villa, não se atina mesmo á primeira vista com a razão porque é que aquella avenida não é um beco e a villa se não se chamou uma barraca, mas sitio e casa são alegres, e banhadas de sol de manhã á noite.

Pensámos que a melhor hora para procurar um philosopho, que pôde muito bem ser um trabalhador, era pela tarde. A aragem corria fresca; no horizonte, o sol que se ia sumindo começava a avermelhar umas nuvensitas, dando-lhe tons infernaes; de quando em quando ao longo da tal avenida, nuvens de pó bailavam no ar danças serpentinaes.

Em frente da *Villa Geneveca*, parámos. Tudo fechado. Batemos á argola, e esperámos. Ninguém. Batemos mais forte segunda vez, e então sentimos o abrir de uma porta. Logo a seguir uns dedos batendo no vidro e uma voz gritar.

— Quem está ahí?

Era o nosso amigo philosopho que, ao reconhecer-nos, gritou mais de rijo: — Tenha paciencia, espere um pouquinho, que ainda estava deitado.

Batiam no relógio as 6 horas!

— Muito tarde se levanta este philosopho, pensamos com os nossos botões, e ao abrir-se-nos a porta, perguntamos logo.

— Tem estado doente?

— Não... Aposto que fez essa pergunta por eu estar deitado.

— Em verdade...

— Então que quer meu amigo! Eu durmo de dia e penso á noite... E' mais fresco...

— Convenho, mas é tambem mais incommode. A noite fez-se para a gente dormir...

— E para trabalhar. Mas o que o traz por cá?

— Adivinhe...

— Diga lá...

— Venho entrevistá-lo...

— A mim?

— Tal qual.

— E sobre quê? se não é indiscripção.

— Sobre a falsificação das farinhas... o assumpto da moda.

— Mas o que quer o meu amigo que lhe diga a respeito d'isso, se eu não tenho fabrica de moagens, se nem sequer sou paleiro...

— Mas como pão...

— A's vezes... Demais eu tenho sobre o caso uma opinião um pouco original...

— Splendido! E' d'essa originalidade que eu venho á procura...

— Para mim a falsificação é apenas uma fruta do tempo que não deve causar o menor espanto. Anda tudo tão falsificado!...

— Tudo?! Parece-me avançar de mais...

— Tudo. Ora vejamos. Não lhe disseram que eu morava n'uma avenida? Disseram. E que encontron o meu amigo aqui? Viu por ahí alguma arvore? Nem sequer um craveiro. Arido como o nosso Alemtojo! Isto em outro tempo chamava-se uma estrada. Qual! nem tanto. Uma azinhaga, e sem pitceiras... Então já vê. Será uma avenida, mas é falsificada como o é tambem esta casinhola a que o senhorio chamou *Villa Geneveca*, porque era o nome da mulher que, segundo diz a gente cá do sitio, era tambem uma mulher falsificada...

— Como?

— E' o que eu lhe digo. A pobre senhora, que era uma excellente creatura, tinha voz de homem, forte bigode, e a respeito de fôrmas...

era uma desgraça; magra e direita... E no entanto toda a gente a tomava por mulher, como eu tomo por villa a casa onde moro e a camara por avenida este beco sem sahida... Ninguém nunca se lembra de protestar contra esta e outras muitas falsificações que por ahí existem. Para que se ha de protestar então contra as farinhas? Fazem ellas pão ou não? Fazem. O pão come-se ou não? Come-se. Logo se o pão se come, que nos importa a nós saber se elle é feito com farinha ou com kaolim?

— Essa opinião, é pelo menos extravagante...

— Eu disse-lhe logo de principio que era original, mas de extravagancia nada tem, acredite, porque não é senão a evolução logica do que se passa. Tudo é convencional n'este mundo. Quando o meu amigo passa pelo Chiado, e encontra qualquer figurinha gentil, saltitante, de finas botinhas de linho branco, e cabelletto dourado, o olhar bulioso aguçando o appetite dos que passam, peito sahido e acaes pronunciadas, imagina talvez que vae ali um modelo artistico da mais perfeita plastica, e engana-se, porque essa figurinha é apenas uma victima da moda que afaal não se inventou senão para falsificar a mulher phisicamente, como os sentimentos a falsificam meralmente! E acaso a gente corre atraz d'ella, a protestar contra a contrafacção?

— Pois sim, mas...

— Mas... accetiamo-la como ella é, gostamos muita vez d'ella, e não raro nos apaixonamos até... Pôde perceber-se que podia e devia talvez mesmo ser de outro feitio, mas submettemo-nos á realidade. Convençionou-se por moda que a mulher é isso. Se sabe bem fingir que é, que importa o resto? Succede o mesmo ao pão... Convençionou-se que devia ser de farinha, mas porque não ha de ser de outra cousa, se não faz mal e sabe bem?

— O meu amigo sempre tem idéas!...

— As idéas não são minhas, estão enganadas. As observações sim, essas é que me pertencem ao fim de um longo e cuidadoso estudo... Vivemos n'um mundo perfeitamente falsificado. O ar que se respira está longe de ser puro, desde que a civilização inventou toda essa caterva enorme de canallações. A propria atmosphera em que se vive, que é senão uma falsificação? O senhor tem frio? Fecha a janella, veste um casaco, accende um calorifero, arranja um temperatura perfeitamente artificial, unica e simplesmente pelo egoismo de estar mais commodamente. Mas não deixa de ser um falsificador...

— De fôrma que todos nós o somos alguma vez.

— Exactamente. Uns mais outros menos, conforme a habilidade de cada um. Estes falsificam farinhas, manteiga, queijos, chouriços, aquellos dinheiro e notas, mas a sociedade interveio, probei, prende-os, julga-os e condemna-os. E' que essas falsificações passam além de uma certa medida... Não sabe a opinião de um doido, sob o resto da humanidade?

— Não...

— Pois eu lh'a digo. Perguntavam uma vez a um docente do hospital de alienados se um companheiro d'elle tambem era doido. Doidos são todos, respondeu elle, agora os que estão aqui são mais perigosos talvez mas não são doidos do que os que andam lá por fóra. Applique o amigo o cuncto...

— De fôrma que não parecer do meu illustre philosopho os outros falsificadores são ainda peiores.

— Peiores não, nem tão perigosos, mas são mais falsificadores...

— Como assim?...

— Porque falsificam tudo desde as intenções até aos factos, mas se quizer, para que a palavra não seja tão dura, chame-lhes antes mystificadores. E' talvez melhor.

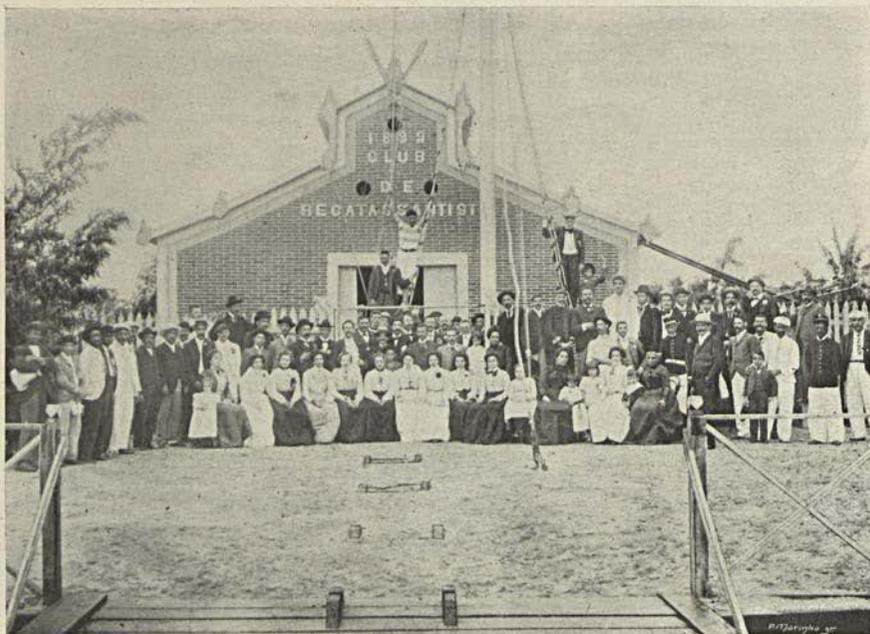
— Bem, seja assim...

— E assim é que deve ser. Pois não tem visto como as analyses feitas a varias amostras de farinhas tem provado que não estão tão falsificadas?

— Tenho.

— E não estão, creia, e que estão é... mystificadas.

# CLUB DE REGATAS SANTISTA, Santos, Brasil



Phot. amad. J. M. Pereira

O club por ocasião do baptismo de diversas embarcações



Phot. amad. J. M. Pereira

Grupo de socios e de convidados no barracão de Bocaina, no 5.º aniversário do club

# BRASIL PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão

Texto e capa: Com.ª União Nacional Editora  
Largo do Londe Barão, 30

Paginas supplementares: O.E.ª Estevão Nunes & F.ª  
Rua d'Assumpção, 18 a 24

Directores

Augusto de Castilho, Jaime Victor, Lordo Taveira  
Editor — Luis Antonio Saachos

Redacção e administração — Rua de S. Roque, 125  
End. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Anno .....	30\$000	Anno .....	5\$000
Numero avulso   Moeda brasileira .....	2\$000	6 mezes .....	2\$000
		3 mezes .....	1\$500
		Numero avulso .....	2\$000
		Anno .....	7\$000
		6 mezes .....	4\$000
		Numero Avulso .....	2\$000

## SUMMARY

### TEXTO

Visconde de Ouro Preto.  
Politica internacional — CONSULHIER PEDROSO.  
Atravez da arte — Senhora da Lourdes — GENEZ TAVELINA.  
Arte no Brasil — Willi Reichardt.  
Tempo de Caldas — Luiz d. Moraes Carvalho  
Eu e as notabilidades literarias — A. M. CUNHA BELLEM.  
As nossas gravuras.  
A anã da caserna — HENRIQUE DE BORNIER.  
Pensamentos.  
A matilha — THEOPHILU DIAS.  
Chronica — JOAO COSTA.  
Club de Regatas Santista. (Brasil).

### SO Illustrações

#### PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.  
Representantes do «Brasil-Portugal».  
Bom conselho.  
O nosso almanach.  
Siesta.  
Errata.

### ANUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto. — Porto  
Maison Nouvelle — Lisboa.  
Gabinete Hydrotherapico — Lisboa.  
Almanach Illustrado do Brasil Portugal para  
1903 — Lisboa.  
Casa Abreu — S. Paulo.  
Grande Hotel Metropole — Rio de Janeiro.  
Veados.  
Vinhos Velhos Legitimos do Porto. — Porto.  
Cimento Portland — S. Paulo.  
Companhia Geral do Credito Predial — Lisboa.  
Companhia Mechanica e Importadora — S. Paulo  
Livros uteis e instructivos — Lisboa.  
Fabrica de Tecidos e Fiapão — S. Paulo.  
Drogaria e Perfumaria — S. Paulo.  
Daniel Monteiro d'Abreu — S. Paulo.  
Ao Botico Universal — S. Paulo.  
Grande Hotel — S. Paulo.  
Moimho Matarazzo — S. Paulo.  
Novo Hotel do Guarajuá — Santos.

La Union y El Fenix Español — Lisboa.  
Aguas de Carabaha — Lisboa.  
Atelier d'Alfaiate A. Couto — Lisboa.  
Agencia Financial de Portugal — Rio de Janeiro  
London y Paris — Lisboa.  
Chapelaria da Moda — Lisboa.  
Lenos y Filhos — Porto.  
Fabrica de Tecidos de Lã e Algodão — S. Paulo  
Loja do Japão — S. Paulo.  
C. P. Vianna y C.ª — S. Paulo

### NA CAPA

Garantia da Amazonia — Pará.  
Brasil-Portugal.  
Notre Dame de Paris. — Rio de Janeiro.

### No Continente

PORTO. — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 22.  
EVORA. — Agente geral em Evora e no Sul Luis Freire Correia, Rua de Mouraria, 27.  
BENAVENTE. — J. N. S. Carvalho.  
PONTE DE LIMA. — Oama, Amaral & Com.ª  
COIMBRA. — João Simão Arrobas, Arco do Ivo, 1-4.  
CASTELLO BARCO. — Feitor Augusto Pessoa.  
ABRANTES. — Antonio Augusto Salgueiro.  
ELVAS. — João Antonio das Santos Sobrinho.  
LISBOA. — Manuel Pereira Dias.  
LISBOA. — Antonio Marques de Oliveira  
VIANNA DO CASTELLO. — J. B. Domingues.  
CORCUBION. — José Pereira Cabral.  
TAVIHA. — José Maria dos Santos.  
FARO. — Maya & Trigo.

### No Estrangeiro

PARIS. — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 10.

## OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem ja os seguintes:

### No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO. — Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodoro Pupo de Moraes e José Martins Polio, Rua de Alameda, 4. sobrado.  
PERNAMBUCO. — A. Leopoldo da Silveira. — Rua Primo de Marco, 4.ª 11.  
PARANÁ. — J. B. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua João Alfredo, 56.  
MANGUÁ. — Jayme & Camara — Livraria Classica — Rua Guilherme Moreira.  
MARANHÃO. — Leonoto J. de Medeiros e C.ª  
CEARA. — A. Perreira Braga — Praça José Alcover 20  
BAHIA. — José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães) — Rua Direita do Palacio, 22.  
PELOTAS. — Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).  
PORTO ALEGRE. — Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).  
RIO GRANDE DO SUL. — Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana) — Rua Marechal Floriano, 100.

### Em Africa

MOÇAMBIQUE. — Julio Augusto Pinto de Carvalho  
SODANESE. — Joaquim Teixeira de Assumpção.  
QUEILIMANE. — Henrique Jorge de S. Neves.  
BENGUELLA. — Mathous & Tavares.  
LOURENÇO MARQUES. — D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorenza.  
S. THOME. — L. A. B. Alves Mendes

### Na India

NOVA GOA. — Antonio M. da Cunha — Casa Luzo Francesa — Rua Alfeuço de Albuquerque.

## REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o Brasil-Portugal os srs.:

Abreu Irmãos & C.ª, em S. PAULO.  
Zefirino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.  
Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaguara, n.º 1), em CAMPINAS.  
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.  
A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RURNEL PRETO.  
Rio Solimões — J. C. Mesquita (casa Andrezen) — MANAOS.

## Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!  
— Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...  
— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas côres. E eras tu fransino!  
— Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o Chocolate Brasil, que se fabrica no Moimho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Provenem os preciosos vinhos de Adriano Ramos Pinto



## SIESTA

(Conto norueguês)

O senhor de Silvis, conforme o costume dos estrangeiros ricos, ria e falava muito alto em toda a parte em que se achasse; e não podia ter pretensões a entrar na sociedade do Jockey Club, agarrava-se a todas as pessoas que encontrava, perguntava-lhes logo onde moravam e mandava-lhes no dia seguinte um convite para um jantarinho sem cerimonia.

Falava todas as linguas, inclusive o allemão, e via-se-lhe na cara o orgulho que tinha em gritar á mesa: *Mein lieber Herr doctor wie geht's Ihnen?* (Meu caro doutor, como vai?).

Havia n'aquella occasião, como effeito um verdadeiro doutor, alç-tífido, de uma barba amarello clara, e com aquelle sorriso de Sédan, que os teutões levam para Paris.

A temperatura da conversação elevou-se na occasião em que se serviu o vinho de Champagne; e aquillo produziu mesmo como que uma cataphonia, misto de francez, muito puro, de francez estollado, de hespanhol e de portuguez; já não havia cerimonia, as mulheres recostavam-se rindo nas costas das cadeiras; graças e ditos finos esuziavam, de conviva para conviva; *der lieber doctor* (o caro doutor, discutia seriamente, com o seu companheiro, um jornalista francez, que tinha uma fina e fina na lapella da casaca.

Entretanto estava alli um homem, que se não deixava arrastar pela torrente da alegria. Estava sentado á direita de Mlle. Adèle, que tinha do outro lado o seu novo amante, o rubicundo Anatole, que estava cheio de tubaras até á bocca.

Durante o jantar Mlle. Adèle tinha tentado por todos os meios innocentes animar o seu silencio; mas não conseguia responder-lhe com toda a cortezia; mas em tom breva e a meia voz.

Mlle. Adèle julgou a principio que o homem era polaco, um d'estes entes aborrecidos que passeiam pelo mundo, fingindo ares de proscripto. Mas reconheceu logo que se tinha enganado e ficou mortificada com isso; porque era uma das proscritas que tinha Mlle. Adèle, classificar os estrangeiros, que encontrava, a affirmar que podia adivinhar a nacionalidade de um homem, depois de ter trocado dez palavras com elle; ora, aquelle estrangeiro desmoranteava-lhe os diagnosticos.

Se, ao menos, fosse louro, declaral-o-hia desde logo inglez. Infelizmente tinha cabellos pretos, bigodes negros e bastos o cinturo fina, e os dedos eram de comprimento espantoso e, além d'isso, tinha a extraordinaria mania de brincar com a faca e um pedacinho de pão.

—E' Mlle. perguntou devagarinho Adèle ao seu rubicundo amante.

—E' possível, respondeu Anatole; mas estou com medo de comer tubaras de mais!

Mlle. Adèle disse-lhe ao ouvido umas palavras consoladoras, o que o fez rir e tomar um ar muito amoroso.

Contudo, Mlle. Adèle não podia tirar os olhos do interessante estrangeiro. Fez-lhe beber muitos copos de Champagne, o que acabou por o animar e tornar mais loquaz.

—Oh! exclamou ella de repente, reconheço a a pronuncia: decididamente, o senhor é inglez!

A cara do homem tornou-se muito vermelha e respondeu logo:

—Não, minha senhora; Mlle. Adèle pôz-se a rir:

—Perdão! já sei que os americanos ficam zangados, quando a gente os toma por inglezes.

Também não sou americano, respondeu o estrangeiro.

Aquillo era demais para Mlle. Adèle; curvou-se para o prato com ar corrido; porque tinha reparado que Mlle. Louison, sentada em face d'ella, se regosiava com a sua derrota.

O estrangeiro comprehendu também e eccrescentou a meia voz:

—Sou irlandez, minha senhora.

—Ah! respondeu ella, com um sorriso reconhecido.

Era quanto bastava para a contentar.

—Oh! Anatole, o que quer dizer isto de irlandez?

—São os pobres de Inglaterra, murmurou o moço.

—Oh! sim?

Mlle. Adèle arqueou as sobrancelhas, deitando um olhar assustado para o seu companheiro da direita, que, de um tempo, tinha baixado consideravelmente na sua estima.

Os jantares de Silvis eram magníficos. Tinha

estado muito tempo á mesa e quando Anatole pensava nas ostras que tinham servido no principio, apreciava-lhe como que em sonhos; por outro lado era-lhe impossivel deixar de pensar nas tubaras.

O jantar chegava ao seu fim e de vez em quando, mexendo nos pratos de frutas ou de doces.

Mlle. Louison, a loura sensível, estava entredita a contemplar uma uva, que ella deixara cahir no copo de Champagne, que tinha diante de si. Mas bolinhas de ar agarraram-se-lhe á pelle, como perolas brilhantes e, quando lhe cobriram todo o rosto, elle subiu lentamente, por entre o vinho, á superfície do liquido.

—Veja, disse ella contemplando o jornalista, com os seus olhos humidos, veja como os bons anjos carregam um peccador para o céu.

—Ah! é delicioso! Que pensamento sublime minha senhora! exclamou o jornalista encantado.

O pensamento sublime de Mlle. Louison deu volta á mesa e foi um triumpho.

Só Adèle, sempre vaporoza, murmurou para o rubicundo amante:

—Olha que era necessario uma grande cambulhada de anjos para te carregar, Anatole!

O jornalista aproveitou logo esta occasião para captivar a attenção geral e, e mo tinha fita vermelha, verdo alba e a maneira de falar de que os jornalistas se servem para fazer acreditar na infalibilidade dos seus juizos, todos o escutavam.

Demonstrou como as pequenas forças unidas eram capazes de levantar grandes massas e, d'ahi, entrou-se na questão do dia: as collectas que se faziam para os inundados de Hespanha e o pobres de Paris. E falou por muito tempo, dizendo sempre, falando dos sacrificios que nós tinhamos feito, etc.

Depois todos contaram a sua historia, historia de sacrificios problematicos, e o bem estar dos salvos augmentou quando foram todos para o salão e alli ficaram commoda e fofamente sentados em sofás e onde havia apenas a luz da chamma do fogão.

Salvo aquelles pequenos e intermitentes reflexos, não se distinguiram nos pontos vermelhos dos charutos e dos cigarros.

A conversação arrastava-se languida, interrompida apenas pelo ruido de uma caneca de café, que punham em cima de uma mesa quando de Silvis perguntou:

—Não se lembra, por ahi algum que toque um pouco de piano? Vosso ha, Mlle. Adèle, a senhora é sempre tão amavel.

E Mlle. Adèle, que não podia, muito pesada pela digestão, reclinar-se levantando as pernas e então as mãos na barriga.

Então o estrangeiro, —o irlandez,—levantou-se do seu cantinho e foi para o piano.

—Vá V. E' moço, disse Mlle. Adèle para o amante.

Anatole deu um grunhido de admiração.

Foi esta a impressão que tiveram todos ao vêr o irlandez sentar-se e accordar o instrumento com uma chapeadeira de accordes.

Depois começou a tocar de uma maneira gaista, ligeira, frívola, completamente á altura da situação.

As arias em voga apreciavam em turbilhão, entremeadas com fragmentos da valzas e de canções, todos estes pequenos nadas, q e traufia Paris durante oito dias; fúria d'aquillo um potpourri espirituoso, encantador e admiravelmente executado.

O artista tinha sabido pôr-se logo no alimre necessario. Só o caro doutor escutava aquillo, com o seu sorriso de Sédan; aquella musica era por demais frívola para o seu gosto.

Mas, d'alli a pouco, appareceram algumas notas mais proprias para lisongear-lhe o ouvido allemão. Um fragmento de Chopin tinha-se introduzido furtivamente n'aquella confusão de melodias entremeadas, dando-lhes um aroma penetrante, que resuscitava no ar. E todos se começaram a entregar aos seus mais secretos pensamentos, arrastados por aquella musica mysteriosa, um pouco confusa, ao passo que a chamma do fogão augmentava e diminua, deixando brilhar apenas os ornatos dourados da sala.

E a melodia proseguia, proseguia, dirigindo-se para o doutor e quanto mais proseguia, mais parecia cantar para elle sobretudo, para elle só. Este de vez em quando voltava-se para de Silvis e fazia-lhe signaes, quando echovam os *Ankling de unser Schumann de unser Beethoven* ou ainda mesmo de *unser famoser Richard*.

Entretanto o estrangeiro continuava com o jogo sempre igual, sem canção, ligeiramente

curvado para a esquerda para dar força ao baixo. Aquillo trovava, como se elle tivesse vinte dedos e todos de aço; sabia reunir tantas notas e de tal maneira que o instrumento dava como que um som só cheio de vigor. E, sem a menor paizagem, sem accentuar a passagem de uma melodia para outra, impunha a attenção por surpresas sempre novas, por improvisos e combinações gammas e, por tal modo, que mesmo a pessoa de menos sentimento musical, era forçada a escutar.

Mas pouco a pouco, insensivelmente, a musica tinha mudado. O artista continuava a tocar, descendo pelo teclado, inclinando-se cada vez mais para a esquerda e uma perturbação estranha fazia vibrar o baixo.

Os habitantes do *Propheta* chegavam com passos pesados; depois tinha um cavalleiro da *Damação do Fausto*, correndo nos graves com um galope desesperado e infernal. Nas profundidades do piano, os trovões tornavam-se cada vez mais violentos, e Anatole começava de novo a sentir o effeito das tubaras. Agora que o artista tinha chamado a attenção de todos, já não podia descalos; segurava os, sempre descendo para os baixos, d'onde sabia um murmurio surdo, languido, como ameaças e queixumes.

—*Er fuhr eine famos linde Hand* (tem uma mão esquerda soberba) disse o doutor allemão.

Mas de Silvis não o escutou; ficava como como todos o seu attento, absorto.

Um horror vazio o opprimiu, que se prendia da musica, dominava todos os assistentes.

Parecia que o artista apertava com a mão esquerda um nó, que jámais se poderia desatar; ao passo que a sua mão direita semeava, de cima abaixo do teclado, volatas ligeiras, como scenellhas. Dir-se-hia uma cousa sinistra, passada no porão de um navio de oppressão, em cima d'ella, se atiravam foguetes, no deslumbamento de uma festa insensata.

De repente, ouviu-se um grito melo soffocado. Era uma das mulheres que tinha desmaiado. Ninguém deu attenção. O artista acabou de chegar ao extremo dos graves, onde trabalhava com ambas as mãos; os dedos inflamáveis percorriam rapidos pelas teclas, entremeadas as notas de tal maneira que todos tinham os olhos cerrados.

Mas começou a produzir-se um movimento ascendente, nas profundas e ameaçadoras sonoridades do baixo. Os tons proseguiram, subiam; antecipavam-se, depois ficavam parados, como se não pudessem subir mais. Era como que uma luta feroz de notas, subindo ao assalto, debaixando-se n'uma trebe louca, trepando, agarrando-se com unhas e dentes, praguejando, dando gritos, murmurando preces e, enquanto elle tocava, as mãos subiam, subiam lentamente, com uma lentidão cheia de angustias.

—Anatole, murmurou Mlle. Adèle, livida como um cadáver, elle agora está tocando a *propheta*.

Mas, de repente, o salão illuminou-se. Dois criados trouxeram lampêdes, levantando o reposteiro e n'aquella occasião o artista parou, batendo com os olhos e decaído de aco um accôrde tão dissonante, tão impossivel, tão revoltante, que todos se levantaram em sobressalto.

—Lêvem os lampêdes! gritou de Silvis.

—Não! não! protestou Mlle. Adèle; não me atrevo a ficar na escuridão; ahi que homem horrivel!

—Quem é?

—E' verdade, quem é?

Instinctivamente todos se agruparam em torno do dono da casa, e ninguém reparou que o estrangeiro, accôrde ao piano, estava por detrás dos criados, se tinha esquivado.

Silvis tentou rir:

—Querem saber a minha opinião? Aquillo deve ser o Diabo em pessoa! Vamos passar a noite para o Opera!

ALEXANDER F. KIRILLAND.

—Se gosto de piano? dizia a sr. X a um pianista celebre, gosto tanto que quero vir cá o afinador todos os mezes.

## ERRATA

Na poesia *Em Contra*, de Guedes Teixeira, publicada no n.º 87, onde se lê:  
Honorarios — da Beira etc. deve lêr-se:  
Romarias — da Beira etc.

**VEADO**  
**ESPECIALIDADES** FUMOS EM PACOTINHOS  
 E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da 66, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2% de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 1/2% e commissão de 1/2 1/2% de 1 a 9 annos. Depósitos: acceptam-se a prazo ou a ordem, vencendo 2 1/2% a ordm e 3 1/2% prazo de 3 mezes, 3 1/2% a 6 e 4 1/2% ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que reolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



**VINHOS VELHOS**  
**LEGITIMOS DO PORTO**  
 Premiados nas exposições  
 DE  
 LONDRES, 1862; PORTO, 1865; E PARIS, 1867 E 1878

**PORTO**  
 REGISTRADA  
 MARCA DE COMMERCIO

ANTIGA CASA

**João Eduardo dos Santos**

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e authenticos, quando tiverem nos rótulos, capsulas, rollhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

**JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR**

**PORTO**



**Cimento Portland**



Qualidade superior garantida  
 O MAIS ECONOMICO DE TODOS OS CIMENTOS  
 UNICOS IMPORTADORES:

**Antonio Miguel & Comp.**

RUA DIREITA, 46--S. PAULO (Brazil)

**COMPANHIA**  
**Mechanica e Importadora**  
 DE SÃO PAULO

Endereço telegr.—Mechanica.

Escriptorio: RUA 45 DE NOVEMBRO N.º 36—Caixa no Correio, 51

» em Londres: Broad Street House-New Broad Street, London, E. C.

Officinas: Rua do Triunpho, n.º 37 a 43

Fundição e Depósitos: Rua Monsenhor Andrade—Brax

Importação e fabricação de

Machinas a vapor, motores a Kerozene, turbinas hydroaulicas, rodas d'agua, materiaes para luz electrica, serras de varios typos, machinismos para beneficiar café, desopilatores, materiaes e machinismos diversos para uso nas fazendas, para serrarias, carpintarias, mercenarias, ferreiros, serralheiros, gazetas, jumileiros, fabricantes de carros e carroças, materiaes para estradas de ferro, abastecimentos d'agua e esgolos, construção e engenharia.

Carvão de machina, coke, carvão de forja, ferro guza,

ferro batido em barras,

chapas e perlis diversos, tubos pretos e galvanizados, cimento,

telhas de zinco, arame liso e farpado,

tijolos refractarios, etc., etc.

**S. PAULO—Brasil.**



**Livros uteis e instructivos**

Grande redução nos preços primitivos do catalogo n.º 3, das edições da «Empresa Editora de Arthur da Silva», Rua dos Douradores, 72—Lisboa.

HISTORIA UNIVERSAL.—cf. Castro—Desde a creação do mundo até á nossa epoca. Traduzida por Manoel Bernardes Branco, 13 volumes, m-4.º gr., 2.ª edição, com 5 1/2 pag. e 84 gravuras, br..... 15,000  
 Em encad. broch..... 2,000  
 OS ULTIMOS TRINTA ANNOS, 1848 a 1878.—cf. Castro—Versão pelo visconde de Castilho—m-8.º, com 512 paginas e retrato do sector, br..... 500  
 Em encad. broch..... 100  
 DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO OU NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA.—cf. José M. A. A. G. de Lacerda Diccionario de synonymos: Vocabulario de Frases Brasilicas, ou Topy—Vocabulario do dialecto Guarany, 2 vol. m-folio, 5.ª edição, com 1.º fol. pre. etc. lit..... 12,000  
 HISTORIA DAS PERSPECTIVAS POLITICAS E RELIGIOSAS, occorridas em Hespanha e Portugal, desde a idade media até aos nossos dias—Verdade do hespanhol por L. Trindade, 3 vol., m-8.º, (com 124) pag. e 13 grav. of..... 12,000  
 Em 1/2 encad. francez..... 12,000

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRAZIL)—Sebastião da Rocha Pitta—Desde o anno de 1500 até o de 1724.—Revista e annotada por J. Gomes Goes, m-8.º grande, 2.ª edição de luxo 431 pag. e com 10 grav. e um mappa, broch..... 2,000  
 Em 1/2 encad. francez..... 12,000  
 RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL.—Silveira Pinto e Visconde de Sanches de Bañares—2 vol. m-4.º grande, com 1743 pag., edição de luxo, 12,000  
 com tiragem de 500 exemplares, br..... 12,000  
 Em 1/2 chapim, capa especial..... 12,000  
 O ENGENHOZO FIDALGO D. QUIRIT DE LA MANCHA—(1.º Miguel de Corvantes Saavedra—Verão do Visconde de Bentaluz) br., 2 vol. m-8.º, com 131 pag. e 31 grav. broch..... 2,000  
 Em 1/2 encad. francez..... 2,000  
 OS SESTROS D'AFRICA—Alfredo Sereno—Apontamentos de viagem, m-8.º, com 331 pag. e 15 grav. e 1 mappa do Ambr. broch..... 500  
 Em 1/2 encad. francez..... 500



FABRICA  
DE  
TECIDOS e FIAÇÃO

SANTA MARIA SOROCABA

PROPRIETARIOS:

ERNESTO ZSCHÖCKEL & C.<sup>A</sup>

Escriptorio Central:

S. PAULO — Rua S. Bento, 45

CAIXA POSTAL 96.

Endereço telegraphico: DUODECIMO.

ESPECIALIDADE da fabricação

BRINS e RISCADOS

DROGARIA  
E  
Perfumaria  
DE  
J. AMARANTE & C.<sup>A</sup>

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas  
nacionais e estrangeiras

Accessorios para pharmacias, vasilhames, etc.

Agua mineral natural de todas as procedencias.

Deposito permanente de todos os preparados  
nacionais de *Silva Araujo*, *Wernech*, *Orlando  
Rangel*, *Granaio* e *Freire de Aguiar*.

Completo sortimento de perfumarias dos  
maiores fabricantes francezes, inglezes e  
norte-americanos.

Rua Direita, 11.

S. PAULO (Brasil).

Caixa postal, 149.

DANIEL MONTEIRO D'ABREU

Agente dos BANQUEIROS

PINTO DA FONSECA & IRMÃO

DO

PORTO

SAQUES:

Sobre 300 agencias em Portugal e Ilhas

» 800 » » Hespanha

» 3.600 » » Italia e Syria

» Londres e Paris

Por conta dos BANQUEIROS

PINTO DA FONSECA & IRMÃO

As letras entregam-se immediatamente

Rua 15 de Novembro, n.º 7.

(No edificio do Consulado de Portugal.)

S. PAULO (BRASIL)

Do Boticão Universal



Primeiro Deposito

de Artigos Dentarios

Na Capital do Estado de S. Paulo

Januario Loureiro

Rua de Bento n.º 16

Caixa Postal n.º 71 — S. PAULO

# Grande HOTEL



O mais conceituado e respeitavel para familias

No centro da cidade

*Accomodações de luxo.*

*Ar, luz e conforto.*

Bonds á porta—Preços sem competencia

PROPRIETARIO

**CARLOS SCHORCHT**

R. de S. Bento, 49.

S. PAULO (Brasil).

# Moinho Matarazzo

F. MATARAZZO & C.<sup>A</sup>

3:000 saccos diarios

DAS

MARCAS

LILI—LIDIA—CLAUDIA—TOSCA  
IDA E OLGA

SEMMOLA DE PRIMEIRA QUALIDADE

Rua Monsenhor Andrade, 88.

ESCRITORIO:

Rua 15 de Novembro, 26.

S. PAULO (BRASIL)

# Novo Hotel do Guarujá

EMPRESA

MANUEL D'HUICQUE

ILHA DE SANTO AMARO

SANTOS (BRASIL)



**LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL**  
 Capital social 2.400.000.000 réis  
 18.000.000.000  
 Se admiten pagos desde 1884 até 1885  
**PREMIOS RESERVAS E RESCATE**  
 Seguro contra Incêndio, explosão,  
 Equilíbrio Atlântico & Union Maritima  
 Companhia Françoisa contra o risco maritimo  
 e flote de transporte de qualquer natureza.  
 Directores—*Lina Mare & Filhos*  
**LISBOA—Rua da Prata, 89, 2.º**



# GUILHERME SILVA

Camisa, ceroulas,  
gravatas, collarinhos  
e punhos



Roupas bordadas  
e camizetas  
Enxovoes em todos os  
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA

## ATELIER DE ALFAYATE



**ANTONIO DO GOUTO**

Premiado na Exposição  
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas  
nacionais e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

## CHAPELARIA DA MODA

DE

**JOÃO ALVES DA COSTA**

32, Rua Garrett, 34- (Chiado)

LISBOA

Completo sortimento de chapéus e bonnets  
para homem e creança, nacionaes e estrangeiros,  
em seda, feltro e palha.  
chapéus CLAUQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das águas minero-medicinaes de MONDARIZ

## FOSFIODOGLICINA

DE

**Lemos & Filhos**

Superior ao óleo de fígado de bacalhau,  
Superior ás emulsões oleosas,  
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,  
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, notaveis medicos eminentes especialistas.

Ensaiado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 38300 réis; caixa de 12 frascos, 69200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31. PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias e drogarias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS



**Agencia Financiam**  
DE  
**PORTUGAL**

R.ª General Camara—RIO DE JANEIRO  
SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

**Saques sobre Portugal**

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ em todas as capitales de districto e sedes dos concellos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financieiro

**ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.**

# FABRICA DE TECIDOS DE LÃ E ALGODÃO



## BERGMAN KOWARICK & C.<sup>o</sup>

Endereço Teleg.: BERKO — S. Paulo

Estação de S. Bernardo

ESTADO DE S. PAULO — BRASIL

Escritorio — Casa C. P. VIANNA — Rua do Commercio, 11 e 13

**S. PAULO**

## LOJA DO JAPÃO

### GARCIA, NOGUEIRA & C.<sup>A</sup>

Agentes do BANCO DO MINHO

Emittem saques sobre todas as localidades de Portugal, Ilhas, Hespanha e Italia, e sobre Paris, Londres e Hamburgo.

Compram cambiaes sobre estas praças

Importadores e especialistas de

**Chá, cêra, sementes,  
fogos d'artificio,  
lanternas, presuntos,  
leite condensado,**

e muitos outros artigos do seu ramo de commercio.

Rua de S. Bento, 42.

**S. PAULO — Brasil.**

## C. P. VIANNA & C.<sup>A</sup>

Successores da antiga casa de J. P. de Castro & C.<sup>A</sup>

IMPORTADORES E COMMISSIONARIOS

Unicos agentes no Estado de S. Paulo, das

## AGUAS MILAGROSAS

de Lambary e Cambuqueira

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

## LLOYD AMERICANO

Caixa postal n.<sup>o</sup> 81.

Endereço teleg.: — «VANINA».

Codigo teleg.: — RIBEIRO.

R. do Commercio, n.<sup>os</sup> 11 e 13.

**S. PAULO (Brasil).**